



Origens da misoginia online e violência digital contra jornalistas mulheres

Daniela Osvald Ramos¹.

Universidade de São Paulo

Resumo: A violência digital contra jornalistas foi sempre uma constante no Brasil (Blotta, 2016) e América Latina (Bousquet, 2018), mas desde 2014 (Sakamoto, 2016) se configura como prática coordenada nos ambientes digitais, com desdobramentos e repercussão no ambiente físico destes profissionais. Este artigo investiga, em especial, as origens da formulação da misoginia online a partir do fenômeno conhecido como *gamergate* (Wendling, 2018), em 2014, e a utilização das suas práticas de ataque recentes às jornalistas mulheres, tornando a rede um ambiente hostil às mulheres em geral, mas especialmente para as mulheres que tem influência na construção da opinião pública, como no caso das jornalistas (Mello, 2020). Conclui-se que a violência digital contra jornalistas mulheres tem características de violência interseccional, de gênero, como também aponta Mantilla (2015), a partir do que denominou como *gendertrolling*.

Palavras-chave: violência digital; misogonia online; violência de gênero; jornalistas mulheres; *gamergate*.

1. Introdução: violência digital contra jornalistas mulheres

No dia 27 de maio de 2020, um seminário na internet com a presença dos representantes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo foi o palco de lançamento de um convênio que resultou na “Cartilha sobre medidas legais para a proteção de jornalistas contra ameaças e assédio online” (ABRAJI, 2020).

¹ Professora do curso de Educomunicação e do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa COM+ e do Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP). E-mail: dosvald@gmail.com.

Entre os presentes, a jornalista Patrícia Campos Mello, uma das vítimas citadas no relatório da FENAJ (2018) na escalada de violência contra jornalistas no Brasil nos últimos dois anos: em 2018 foram relatados 135 casos afetando 227 jornalistas, um aumento de 36,36% em comparação a 2017. Trabalhadores da televisão e mídia impressa estão entre maioria dos casos: 77 jornalistas de TV e 21 profissionais de jornais. Foram identificados, também, 21 jornalistas que trabalham em mídia digital (portais, blogs e iniciativas independentes). Em um levantamento recente da ABRAJI (Sem autor, 2020), de janeiro de 2019 a fevereiro de 2020 foram registrados vinte casos de ofensas misóginas e machistas contra jornalistas mulheres. Estes casos são somente os que vieram a público por meio de notas de repúdio e por terem sido proferidos por autoridades públicas (16 dos 20 casos).

Antes ainda do recente tema da violência digital contra jornalistas mulheres vir à tona amplamente, há um histórico de machismo que marca a vida das jornalistas mulheres no país, como relata o estudo “Mulheres no Jornalismo Brasileiro” (ABRAJI, sem p., 2020):

“84% das jornalistas relataram já ter sofrido ao menos uma das seguintes situações de violência psicológica: insultos verbais; humilhação em público; abuso de poder ou autoridade; intimidação verbal escrita ou física; tentativa de danos a sua reputação; ameaça de perder o emprego em caso de gravidez; ameaças pela internet; ou insultos pela internet”.

Posetti (2019, sem p.) identifica a violência de gênero no jornalismo como uma intersecção nas ameaças digitais, que acontece em campanhas orquestradas contra jornalistas mulheres como alvos preferenciais, visando a erosão da sua privacidade online, assim como ameaçando sua segurança online bem como gerando impactos na vida fora da internet. Ainda, os ataques às mulheres jornalistas tendem a ser mais prolíficos que contra os homens na mesma posição; são mais violentos e sexualizados e usualmente são acompanhados de ameaças físicas contra elas, suas mães e suas filhas.

Koirala (2020, p. 51), em estudo de caso de violência digital contra jornalistas mulheres no Nepal, a partir de 48 entrevistas com profissionais naquele país, relata que a natureza da agressão é sexista por natureza, com comentários sobre a aparência física

das mulheres e sobre o gênero. Além disso, também são comentários com agressões sexuais: ameaças de estupro e envio de nudes. Diz a pesquisadora: “*The studies (Kaur, 2012; Robinson, 2005) on gender and harassment indicate that the use of sexual harassment/violence is considered a legitimate and expected means to reaffirm that the public and private positions of hegemonic masculinity which exist in the physical world also exist in the online world.*”² Mais adiante, veremos como isso se conecta com o histórico da organização online de violência digital contra mulheres. Koirala (Op Cit, p. 49) argumenta que o assédio baseado em gênero busca reafirmar o patriarcado, e que se espera que a mulher seja uma vítima submissa. A possibilidade de anonimato na internet, em conjunto com a velocidade de propagação do meio faz com que este tipo de violência cresça rapidamente. A autora ainda afirma que (Op. Cit, Idem, Ibidem) o assédio online “*(...) can also be considered as a form of violence to suppress female journalists*”.³

No Brasil, temos o caso da jornalista Patrícia Campos Mello como exemplo mais notório das características de assédio e violência digital citadas por Posetti (2019) e Koirala (2020). Em outubro de 2018 a repórter da Folha de São Paulo, que tem carreira de coberturas sobre temas sensíveis, como guerras e conflitos na Síria, Iraque e vários outros países, recebeu “(...) cerca de 220.000 mensagens de cerca de 50.000 contas do WhatsApp” (Fenaj, 2018, p.33). Ela também foi alvo de mensagens via redes sociais, e-mail e telefonemas, tentando intimidá-la a não continuar vivendo no Brasil, ameaçando-a e a seu filho de 6 anos. “É melhor não morar mais no Brasil”, “Vagabunda”, “Nós sabemos onde seu filho estuda”, e muitas outras palavras agressivas foram dirigidas a ela depois que assinou a reportagem “Empresários bancam contra o PT pelo WhatsApp”, na qual revelou como a campanha do candidato Jair Bolsonaro estava se beneficiando de um esquema ilegal de mensagens financiado por empresas. Ela sofreu assédio online e sofre ainda hoje, já há dois anos, principalmente, como mulher, como nos dis-

² Em livre tradução: Os estudos (Kaur, 2012; Robinson, 2005) sobre gênero e assédio indicam que o uso de assédio / violência sexual é considerado um meio legítimo e esperado para reafirmar que as posições públicas e privadas da masculinidade hegemônica que existem no mundo físico também existem no mundo online.

³³ Em livre tradução: “(...) também pode ser considerada uma forma de violência para reprimir jornalistas”.



se: ⁴ "É brutal, principalmente se você é mulher. É muito parecido com a Índia, muito misógino. Eles atacam as mulheres sempre de três maneiras: aparência ("gordas, feias", etc); agressões relativas ao gênero, chamando as mulheres de "vadias"; e ofensas à sua família. Se outro homem assinar o relatório, este fato é praticamente ignorado; o alvo preferencial é sempre a mulher, não o homem". É importante dizer que uma das séries de histórias sobre o uso de notícias falsas no WhatsApp pela campanha de Bolsonaro publicada na FSP também foi assinada por um homem.

Ao que parece, em alguns casos o objetivo de reprimir as jornalistas mulheres no espaço público está resultando. Mello (2020, loc. 868), conta que Talita Fernandes, setorista de política da Folha de São Paulo, depois de acompanhar as eleições de 2018 e cobrir o dia a dia do presidente da República do Brasil, se retirou do espaço no qual os jornalistas cobriam as eventuais falas presidenciais no "cercadinho" na porta do Palácio da Alvorada. Neste caso, não só Fernandes, mas todos os jornalistas deste jornal e do O Globo suspenderam suas coberturas físicas no local por falta de segurança física aos profissionais de imprensa em maio de 2020. Mello (Op. Cit.) também cita e exemplifica as agressões online sofridas pelas jornalistas Vera Magalhães, Marina Dias, Miriam Leitão, Constança Rezende e Juliana dal Piva. Relatório da *One Free Press Coalition* de março de 2020 (2020, Loc. 952) a coloca em terceiro lugar de uma lista dos dez casos mais urgentes de ameaças a jornalistas no mundo: "Meu caso é muito menos grave.⁵ Mas acho que a coalizão quis pôr em evidência o crescimento dessa nova modalidade de perseguição, o linchamento virtual, a jornalistas mulheres em especial."

Neste artigo, lançamos a hipótese, que procuramos exemplificar e demonstrar através de pesquisa bibliográfica sobre a violência digital contra jornalistas ter origem em episódios como o gamergate, que aconteceu em 2014, e que, a partir daí, se organiza um cabedal de ferramentas específicas usadas para a perpetuação deste tipo de violência digital, tendo como alvo sempre mulheres. Nas nossas pesquisas, encontramos um caso de ataque muito semelhante aos atuais em 2010, contra uma jornalista mulher do jornal

⁴ Entrevista concedida a autora deste artigo e também à Professora Elizabeth Saad (ECA, USP), em outubro de 2019 na sede do jornal Folha de São Paulo, em São Paulo, capital.

⁵ A jornalista diz isso em comparação ao primeiro e segundo lugares da lista: "Chen Qiushi, jornalista chinês que desapareceu enquanto cobria a pandemia de coronavírus em Wuhan; e Daler Sharifov, jornalista do Tajiquistão detido sua cobertura investigativa – ele escreve sobre política e religião e foi acusado de 'fomentar o extremismo' com textos sobre teologia islâmica". (Mello, 2020, Loc. 952).

O Estado de São Paulo, a partir de uma reportagem que escreveu sobre o fórum 55chan. Partimos deste caso para então entrarmos no *gamergate*, que aconteceu em 2014, e daí a constituição da machosfera, rumando para as conclusões finais, seção na qual exemplificamos a trolagem de gênero (Mantilla, 2015).

2. Origens da misoginia online no Brasil

Como vimos, a violência digital de gênero tem um marco importante na recente dinâmica da violência digital contra mulheres jornalistas, fenômeno em curso não só no Brasil. No entanto, em 2010 a jornalista Tatiana de Mello Dias, na época repórter do extinto caderno de tecnologia Link, do jornal O Estado de São Paulo, assinou uma reportagem de capa intitulada “Onde nascem os memes no Brasil”, e citava o 55chan. “Chan” é abreviatura de *channel*, canal, em inglês, e são fóruns que surgiram como *imageboards*, para compartilhamento de imagens. Foram neles que os vídeos de gatos surgiram e se tornaram famosos (Deursen, 2016, sem p.). Eles são fóruns na sua maioria de imagens, acessados em uma camada não superficial da internet e “Não é preciso se cadastrar nem criar uma conta para participar. Isso facilita a velocidade com que tudo é publicado – são cerca de 1 milhão de posts por dia.” (Op.Cit. Idem, Ibidem, sem p). Além disso, as mensagens nos chans não ficam armazenadas, oferecendo poucos riscos a um escrutínio posterior. Wendling (2018, Loc. 950) aponta o 4chan como um dos ambientes mais importantes para o movimento de ultra direita Alt Right norte-americano:

4chan /pol/ is where the alt-right can go to test out memes, communicate with in-jokes, and plot raids against normies on other sites and networks. Over the years it has been in operation, 4chan has spawned all sorts of unserious pranks—it’s where “rickrolling”⁸ and LOLcats⁹ originated—as well as more weighty political projects. It was, for instance, the key breeding ground for the hacker group Anonymous.⁶

⁶ Em tradução livre: 4chan / pol / é onde a alt-right pode ir para testar memes, se comunicar com piadas internas e tramar ataques contra *normies* em outros sites e redes. Ao longo dos anos em que está em operação, o 4chan gerou todos os tipos de pegadinhas pouco sérias - é onde "rickrolling" ⁸ e LOLcats⁹ se originaram - bem como projetos políticos mais pesados. Foi, por exemplo, o terreno fértil para o grupo de hackers Anonymous.

Mais adiante, veremos como surgiu o “masculinismo” e a “machosfera” no chan /pol/⁷, canal do 4chan, e daí a organização do primeiro ataque massivo a Zoe Quinn, uma desenvolvedora de games mulher, o que posteriormente foi denominado de *gamer-gate*, pois envolveu uma sequencia de ataques a outras mulheres com voz ativa na comunidade de games internacional.

Antes disso, no entanto, a reportagem do Estadão mexeu com o 55chan, que não queria ser exposto ao grande público; para se ter uma ideia, cada novo integrante de um chan é denominado “câncer”, ou seja, visitantes e novos integrantes não são exatamente bem vindos. Este ataque de 2010 se misturou também como um ataque ao jornal; o site do Estadão foi atacado (Redação Link, 2010, sem p.) com o objetivo de tirá-lo do ar. No entanto, as agressões guardam similaridade com a forma como os ataques contra jornalistas mulheres são organizados atualmente (Op. Cit., Idem Ibidem):

Expostos em uma matéria no jornal – é bom lembrar que o fórum é aberto para qualquer um e basta entrar no Google para achá-lo – os “anões”⁸ começaram uma campanha de perseguição à repórter que assinou a matéria. As ameaças iam de trotes infantis (mandar pizzas para a casa dela) a ameaças de violência física.

Em poucos minutos, circulavam pelo fórum fotos da repórter e links para os perfis dela em redes sociais. Em poucas horas, seus dados pessoais, endereço e telefone, eram postados repetidas vezes, enquanto os usuários, protegidos pelo anonimato, incitavam atos de violência.

Na cartilha da ABRAJI para proteção de jornalistas contra violência digital, as características citadas vão de encontro a este ataque de 2010 (2020, pp. 5-6): cybers-talking (envio numeroso de mensagens); envio de mensagens intimidadoras, ameaçadoras ou ofensivas; campanhas de assédio online e *doxing* – “prática de procurar e divulgar informações privadas ou informações de identificação pessoal de um indivíduo, como seu telefone, e-mail ou endereço, sabidamente em um ambiente que encoraja ou necessariamente culmina na intimidação ou ameaça à pessoa exposta.” (Op. Cit., p.6). O *doxing*, infelizmente, se tornou um clássico do assédio online contra jornalistas mulheres e estava presente neste primeiro caso, em 2010.

⁷ A abreviação se refere a palavra em inglês *politics*, “política”.

⁸ Na verdade os integrantes dos chans de autodenominam *anons*, diminutivo para *anonymous*, em inglês.

Outro caso notório de perseguição online a mulheres constante no Brasil, desde 2015, é o da professora Lola Aronovich, que mantém o blog *Escreva Lola Escreva*, desde 2008. Provavelmente Lola se tornou um alvo depois que as práticas organizadas que surgiram após o *gamergate* se tornaram populares também no Brasil. Um dos misóginos conhecido publicamente com atuação online no Brasil, Marcelo Valle Silveira Mello, foi preso em 2018 (Declercq, 2018, sem p.). Silveira é um masculinista, um homem que odeia mulheres e que podem ser ou não *incels*, ou celibatários. Ele ameaçou Lola por pelo menos cinco anos: “Durante cinco anos, Lola sofreu ameaças de morte diárias de Marcelo e de outros homens da mesma quadrilha do troll. Foram inúmeros boletins de ocorrências registrados, milhares de prints contendo agressões e ameaças contra seu marido armazenados por Lola e apresentados perante a polícia.” (Op. Cit. Idem, Ibidem). O movimento da misoginia online pode parecer difuso e é, em certa medida, mas constatamos que seus métodos tem organização e se mantém mais ou menos estáveis desde o *gamergate*, o qual detalhamos no próximo tópico.

3. *Gamergate* e a machosfera: uma fissura na esfera pública online que torna possível o movimento organizado contra mulheres

Os chans estão no surgimento da web, nasceram e cresceram no início dos anos 2000 (Alecrim, 2019, sem p.), no Japão, e se popularizaram como espaços (Gutsche & Hess, 2020) típicos de uma cultura raiz de internet, leia-se, nada parecido ao uso comercial da internet da maioria das pessoas. Os que fazem um uso comum da internet são conhecidos como *normies* (normais), aponta Wendling (2018). Nestes lugares, o anonimato deve ser sempre preservado; a absoluta liberdade de expressão, mesmo que criminosa aos padrões da sociedade estabelecida, não deve nunca ser questionada; a linguagem é na maioria das vezes irônica e codificada; e, característica importante, são lugares frequentados na sua maioria por homens jovens (Wendling, 2018). Assim, podemos dizer que os chans são espaços férteis para a constituição de grupos unidos por uma força e uma causa identitária, como veremos a seguir, se constituindo em uma espécie de esfera pública alternativa, que cria fissuras na esfera pública digital quando vem a

tona; uma esfera em que não há regra nenhuma, especialmente no que tange aos usos de discursos de ódio.

Na formação do movimento de extrema direita norte-americano conhecido como Alt Right, o chan /pol/, como já apontamos, tem um papel de extrema importância na organização de sua militância online, e isso se entrelaça com o episódio emblemático na cruzada contra as mulheres no espaço público online, o *gamergate*. Foi nessa época, em 2014, de acordo com Gabriella Coleman, especialista em 4chan e Anonymous (Apud Wendling, 2018, Loc. 986), que os extremistas foram atraídos em massa para o /pol/. Nessa época também, muitos participantes consideravam seu racismo e misoginia como irônicos; no entanto, foi isso que possibilitou que este espaço fosse ficando cada vez mais extremo. Em resumo, o *gamergate* foi (Wendling, 2018, Loc. 979-980):

(...) an all-fronts battle against video-game journalists and feminist influence in the gaming world. It involved both above-board politicking through hashtag drives and the creation of propaganda videos, and more sordid campaigns including doxxing—revealing personal information—and threats of violence. Much of the activity, of all types, was coordinated on 4chan.⁹

Como já demonstramos na introdução deste artigo, aqui estão presentes as táticas de perseguição a jornalistas mulheres: uso de hashtags especificamente criadas para este tipo de violência; no caso de Mello (2020), #PutinhadoPT, entre outras expressões de baixo calão; a exposição de dados pessoais e ameaças constantes de violência. Zoe Quinn, a primeira a ser atingida neste episódio, namorava um cientista da computação (Carrera & Ciscati, 2014, sem p.), e, ao terminar o relacionamento com o namorado, este a acusou de ter oferecido sexo a um dono de blog de games para uma boa avaliação de seus jogos. A acusação soa semelhante à que foi vítima a jornalista Patrícia Campos Mello, que foi acusada de oferecer sexo “em troca de um furo” (Mello, 2020). Depois de Zoe, vieram outras, naquela mesma época, como Brianna Wu e Anita Sarkeesian. O ambiente para a presença feminina no mundo da tecnologia e dos games já era hostil

⁹ Em tradução livre: (...) Uma batalha em todas as frentes contra jornalistas de videogame e a influência feminista no mundo dos jogos. Envolveu politicagem aberta por meio de campanhas de *hashtag* e a criação de vídeos de propaganda, além de campanhas mais sórdidas, incluindo *doxxing* - revelando informações pessoais - e ameaças de violência. Grande parte da atividade, de todos os tipos, foi coordenada no 4chan.

(Carrera & Ciscati, 2014, sem p.), e depois disso, a hostilidade online passa a acontecer de forma organizada.

Nesta época Wendling mapeia (2018, Loc.1110), a origem da metáfora da pílula vermelha/azul, originária do filme Matrix,¹⁰ como a gênese da *manosphere* (machosfera) como um movimento amorfo na internet (Op. Cit. Idem, Ibidem), ou seja, uma reunião de homens sem forma definida, mas unidos por seu profundo ódio ao feminismo. Wendling (2018) descreve este grupo como *The Meninists*, no qual surge a formulação da “teoria” de que as mulheres devem ser punidas por rejeitar os homens. Foi o que fez Elliot Rodger, quando assassinou seis pessoas e feriu treze, não importando se eram mulheres, mas justificando o massacre por ter sido rejeitado pelas mulheres. Ele se suicidou após os ataques, em Isla Vista, California, 2014, morrendo virgem aos 22 anos. O caso serviu como modelo para o que veio anos depois, no massacre da escola estadual Raul Brasil, em Suzano, São Paulo, quando descobriu-se que os perpetradores tentavam atirar mais nas meninas, e que tinham passado pelo Dogolachan, chan criado pela já citado Marcelo Valle Silveira Mello, onde inclusive estavam sendo parabenizados pelo massacre (Declercq, 2019). O mesmo padrão já tinha sido mapeado no ataque a escola carioca em Realengo, em 2011 (Op. Cit, Idem Ibidem), antes ainda do caso de Rodger.

Tal configuração de identidade masculina fundou também o movimento anti-feminista *Men Going Their Own Way* (MGTOW), no Brasil “Homens que seguem seu próprio caminho”. O grupo possuem página no Facebook e vídeos no You Tube (Eiras, 2019). Também ligado a este grupo há o *Return of Kings*, que por sua vez guarda proximidade com os *pick-up artists*, homens que dão cursos sobre como conquistar mulheres. Enfim, pode-se constatar que a reunião online de grupos com táticas organizadas no ataque e ao fomento de ódio às mulheres não é desprezível. Veremos, nas conclusões finais, como Mantilla (2015) evidencia a sistematização de ataques destes grupos. É importante notar que a tática dos *trolls* durante o Gamergate serviu de aprendizado para grupos de extrema direita, como os neonazistas nos Estados Unidos (Wendling, 2018, Loc. 2515), e outros grupos, notadamente, segundo o mesmo autor, nas eleições de Donald Trump em 2016. Antes de passarmos às conclusões finais, Mantilla (2015, Loc.

¹⁰ No filme, dirigido pelas irmãs Lana Wachowski, Lilly Wachowski, de 1999, o protagonista Neo precisa escolher entre tomar a pílula azul, e não enxergar a matrix, ou tomar a pílula vermelha e ver “a verdade”.

112), define as estratégias de trolagem como disruptivas e perturbadoras, envoltas em uma linguagem humorística e irônica, o que às vezes pode até confundir o alvo.

Conclusões finais

Pelo que foi exposto, e com a ajuda de Mantilla (2015), podemos perceber que a trolagem por gênero, ou *gender trolling*, tem características próprias, segunda a pesquisadora (2015, Loc. 255): são exponencialmente um círculo vicioso, mais virulentas e agressivas, ameaçadoras e pervasivas, o que também vai de encontro ao que foi exposto sobre violência digital contra mulheres jornalistas (Mello, 2020; Koirala, 2020). Para exemplificar, podemos perceber estas táticas nas agressões coletadas em fevereiro de 2020 contra as jornalistas Vera Magalhães e Patricia Campos Mello no Twitter:



Imagem 1: Panfleto digital que circulou amplamente em redes sociais com ofensas sexuais à jornalista. Fonte: Print do Twitter, 12/2/2020.

- A **deputada Alê Silva** (PSL-MG) postou mensagem no Twitter na qual diz que Vera “também está louca para dar o ... furo”.



Imagem 2: Mesma linguagem (característica de ação coordenada) publicada por autoridade pública no Twitter.

Fonte: Print do Twitter, 12/2/2020.

Podemos concluir que as características da trolagem por gênero se constituem em um arcabouço de ferramentas que começou a ser estabelecida pelo menos desde 2010, como vimos neste artigo, e que são acessadas por diversos tipos de grupos, por diferentes motivos, sempre atacando mulheres com posições de destaque na esfera pública digital. Esse arsenal e o histórico dos movimentos aqui expostos esclarece porque a mulher jornalista é alvo preferencial aos homens jornalistas, pois pode-se recorrer a um conjunto de práticas já organizadas para perpetrar este tipo de violência digital, e elas são tidas como alvos mais frágeis. Mantilla (2015, Loc. 276), organiza este conjunto de práticas em sete princípios:

1. Gendertrolling attacks are precipitated by women asserting their opinions online.
2. They feature graphic sexualized and gender-based insults.
3. They include rape and death threats - often credible ones - and frequently involve IRL¹¹ targeting, which adds to the credibility of the threats.
4. They cross multiple social media or online platforms.
5. They occur at unusually high levels of intensity and frequency (numerous threats or messages per day or even per hour).
6. They are perpetuated for an unusual duration (months or even years).

¹¹ IRL, sigla em inglês para *In Real Life* (Na Vida Real).

-
7. They involve many attackers in a concerted and often coordinated campaign.¹²

Se pensarmos no que Mello (2020) relata em seu livro das agressões sofridas online e na vida real, percebemos que atendem a todos estes requisitos, infelizmente. Desta maneira, podemos lançar a hipótese, a ser confirmada em larga escala, que a violência digital contra mulheres jornalistas é, antes de tudo, violência de gênero, constituindo uma nova intersecção e inaugurando uma nova modalidade na violência contra jornalistas.

Referências

ABRAJI faz levantamento sobre violência a mulheres jornalistas, 2020. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/abraji-faz-levantamento-sobre-violencia-a-mulheres-jornalistas>. Acesso em 5/8/2020.

_____ & OAB. **Cartilha sobre medidas legais para a proteção de jornalistas contra ameaças e assédio online**, 2020. Disponível em https://www.oab.org.br/Content/pdf/cartilha_abraji_oab.pdf, Acesso em 7/7/2020.

ALECRIM, Emerson. **O que são os chans da deep web e por que eles são associados a massacres**, 2019. Disponível em <<https://tecnoblog.net/282688/foruns-chans-deep-web-massacres/>>. Acesso em 7/8/2020.

BLOTTA, Vitor. **Brasil: a mordida do ouroboro**. Infoamérica: Iberoamerican Communication Review, 9-21, 2016.

BOUSQUET, Marisol Cano. **Violencia contra los periodistas: Configuración del fenomeno, metodologias y mecanismos de intervención de organizaciones internacionales de defensa de la libertad de expresión**. Editorial Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2018.

CARREA, Isabella & CISCATI, Rafael. **Gamergate e a guerra contra mulheres no videogame**, 2014. Disponível em <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/11/bgamergateb-e-guerra-contra-mulheres-nos-videogames.html>>. Acesso em 7/8/2020.

DECLERCQ, Marie. **Nos chans, se celebra o massacre na escola de Suzano**. , 2019. Disponível em <https://www.vice.com/pt_br/article/qvya87/nos-chans-ja-se-celebra-o-massacre-na-escola-de-suzano>. Acesso em 3/8/2020.

¹² Em tradução livre: 1. Gendertrolling são provocados por mulheres que afirmam suas opiniões online. 2. Eles apresentam insultos sexualizados e baseados em gênero. 3. Incluem estupro e ameaças de morte - muitas vezes críveis - e frequentemente envolvem direcionamento IRL, o que mostra a credibilidade das ameaças. 4. Eles cruzam várias mídias sociais ou plataformas online. 5. Eles ocorrem em níveis excepcionalmente altos de intensidade e frequência (várias ameaças ou mensagens por dia ou mesmo por hora). 6. Eles são perpetuados por uma duração incomum (meses ou mesmo anos). 7. Eles envolvem muitos atacantes em uma campanha combinada e frequentemente coordenada.



_____. **PF prende notório troll racista, misógino e homofóbico das redes brasileiras.** 2018. Disponível em https://www.vice.com/pt_br/article/xwm8ya/pf-prende-notorio-troll-racista-misogino-e-homofobico-das-redes-brasileiras. Acesso em 8/8/2020.

DEURSEN, Felipe van. **Por trás da rede antissocial: 4chan.** 2016. Disponível em <https://super.abril.com.br/tecnologia/por-tras-da-rede-antissocial-4chan/>, acesso em 8/8/2020.

EIRAS, Natalia. **MGTOWs: eles desprezam tanto as mulheres que decidiram ficar sozinhos, 2019.** Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/07/29/mgtow-eles-desprezam-tanto-as-mulheres-que-decidiram-ficar-sozinhos.htm>. Acesso em 20/5/2020.

FENAJ. Relatório 2018 – **Violência contra jornalistas e liberdade de expressão no Brasil.** Brasília: FENAJ, 2019. Available at www.fenaj.org.br.

FREIRE, Luciano Nunes Maia et alii. **Relatório: Violência contra comunicadores no Brasil – um retrato da apuração dos últimos 20 anos.** Brasília: CNMP/ENASP, 2018. Disponível em <http://www.cnmp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/2019/Violencia-contra-comunicadores-no-Brasil-VERSAO-FINAL-.pdf>. Acesso em 1/10/2019.

GUTSCHE, Robert. E & HESS, Kristy. **Placeification: The Transformation of Digital News Space into “Places” of meaning.** DOI: 10.1080/21670811.2020.1737557. Disponível em <https://doi.org/10.1080/21670811.2020.1737557>. Acesso em 7/6/2020.

KOIRALA, Samiksha. **Female Journalists Experience of Online Harassment: A Case Study From Nepal.** Media and Communication, Volume 8, Issue 1, pp. 47-56. DOI: 10.17645, 2020.

LANCASTER, Simon. **You are not human: how words can kill.** Biteback Publishing, Reino Unido, 2018.

MANTILLA, Karla. **Gendertrolling. How misogyny went viral.** ABC-CLIO, LLC, California, EUA, 2015. Versão Kindle.

_____. **Understanding The Difference Between Generic Harassment and GenderTrolling.** 2016. Disponível em <https://www.womensmediacenter.com/speech-project/understanding-the-difference-between-generic-harassment-and-gendertrolling>. Acesso em 4/8/2020.

MELLO, Patrícia Campos. **A Máquina do Ódio. Notas de uma repórter sobre fake News e violência digital.** Companhia das Letras, São Paulo, 2020. Versão Kindle.

POSSETI, Julie. **The new frontline: Female Journalists at the intersection of converging digital age threats.** Apresentação no evento 5th annual conference on the Safety of Journalists – Digital Safety November 6th, 7th and 8th 2019 Oslo Metropolitan University, 2019.

REDAÇÃO Link. **Membros do 55chan atacam Estadão,** 2010. Disponível em <https://link.estadao.com.br/noticias/geral,membros-do-55chan-atacam-estadao,10000044449>. Acesso em 3/8/2020.



REDAÇÃO. Grupo chamado de "anões" usa o 55chan para atacar mulheres e travestis no Twitch, 2017. Disponível em ><https://www.terra.com.br/noticias/tecnologia/canaltech/grupo-chamado-de-anoes-usa-o-55chan-para-atacar-mulheres-e-travestis-no-twitch,1ea7ff806c79caf6b09c53c41205bc9c1804fzyg.html>>. Acesso em 3/8/2020.

SAKAMOTO, Leonardo. O que aprendi sendo xingado na internet. Editora Leya, São Paulo, 2016.

WENDLING, Mike. **Alt Right. From 4chan to the White House**. Pluto Press, Londres, 2018. Versão Kindle.

WIEVIORKA, Michel. **Violence today**. Ciência & Saúde Coletiva, 11(2), pp. 261-267. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232006000200002>, 2006.

_____. **Violence. A new approach**. Sage, London, 2009.